





ALGUNS NÚMEROS REFERENTES AOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Número de mem-
bros em todo o
Mundo 972.071

Escolas Superio-
res e Secundá-
rias 302

Escolas Primá-
rias 4.678

Hospitais e Sana-
tórios 136

Dispensários 99

Médicos Missio-
nários 550

Enfermeiros e
Enfermeiras ... 3.139

Doentes tratados
em 1954 2.332.473

Missionários e
Pregadores In-
dígenas 26.080

Línguas e Dia-
lectos em que
trabalham 726

«Somos servos inúteis,
porque fizemos somente o
que devíamos fazer...»

S. Lucas 17:10.



O QUE AS MISSÕES FAZEM PELOS PAGÃOS

As missões adventistas em África têm um duplo objectivo: colaborar com o Governo da Nação para o engrandecimento de Portugal, levando a civilização e promovendo, por todos os meios ao seu alcance, uma melhoria de condições de vida para o indígena, e difundir os princípios da religião cristã em cumprimento das palavras de Jesus: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura».

Seguir, religiosamente, este programa, tal é a única preocupação dos nossos missionários, quer sejam médicos, enfermeiros, professores ou evangelistas.

Os benefícios que os pagãos devem aos missionários cristãos são imensos e não é fácil enumerá-los.

Um dos maiores flagelos que minam a população nativa, ceifando anualmente grande número de vidas,

e enfermeiros, dão-lhes os remédios, ensinam-lhes os meios mais simples e eficazes para melhorar a saúde e proporcionam-lhes condições de vida melhor e mais útil.

Contam-se por milhões os pagãos que têm recebido auxílio das missões cristãs.

Os indígenas são, por natureza, indolentes e pre-



Duas finalistas do Instituto Adventista do Bongo

são as doenças. O nativo não conhece outros remédios além dos que lhe aconselha o feiticeiro, e esses, em bom número de casos, não fazem mais do que abreviar-lhes a existência.

Os pagãos ignoram os mais elementares princípios de higiene. As missões abrem-lhes os seus Hospitais e dispensários, põem à sua disposição os seus médicos



Visita de S. Ex.^a o Governador do Distrito do Huambo à Missão Adventista do Bongo (Angola)

SUPLEMENTO MISSIONÁRIO
DA

REVISTA ADVENTISTA

DIRECTOR E EDITOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: PEDRO B. RIBEIRO

★

PROPRIETÁRIO: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

★

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA



O Soba Suco, da tribo dos Quiocos, pede catequistas adventistas que instruem o seu povo

guiçosos. O trabalho, para eles, é coisa degradante. É tarefa de escravos e das mulheres. Os missionários ensinam-lhes o que poderíamos chamar — o Evangelho do trabalho. Fazem-lhes compreender a necessidade, a beleza e a dignidade do trabalho de todos os dias num espírito de liberdade e amor.

Bastará observar o que se passa em volta de um centro missionário para avaliar a grande transformação operada.

Os conversos agrupam-se, praticam a agricultura orientada, entregam-se a variados trabalhos industriais, mantêm as suas casas limpas, tratam e cuidam os animais domésticos, prosperam com o produto das suas actividades e dão aos seus compatriotas, ainda pagãos, o exemplo de uma vida útil e feliz.

Oh! quão comovedora e maravilhosa é a transformação operada pelo poder do Evangelho na vida destas criaturas dominadas outrora pelas doenças, pelo medo e pela superstição. Só quem teve ocasião de verificar com os seus próprios olhos o que estamos descrevendo, poderá avaliar a salutar influência do missionário e a importante contribuição que ele traz à civilização e ao progresso da Humanidade.

Os missionários não levam os seus esforços somente ao bem-estar físico ou material dos pagãos. O seu desenvolvimento intelectual e espiritual é também um dos seus grandes objectivos. O facto de lhes pregar o Evangelho, ainda que os não converta, só por si, fá-los pensar, raciocionar e reflectir nos problemas da existência e da morte, abrindo a sua mente à compreensão do seu valor e da sua dignidade.

Mas não fica por aí a obra missionária. Vem depois a abertura de escolas públicas, fornecem-se-lhes cadernos, lápis, ardósias, livros e todo o material necessário para a boa aprendizagem dos programas estabelecidos.

Grande é já a rede de escolas mantidas pelas missões adventistas aqui em Angola e todos os anos bom número de alunos é submetido aos exames e obtêm os seus diplomas do Governo.

E, que luta, luta terrível e difícil, não mantêm os missionários, particularmente os missionários adventistas, que se encontram, por assim dizer sós, no combate contra o abuso das bebidas alcoólicas e do tabaco, usado de tão diferentes maneiras pelos indígenas, abusos estes que arruinam e ameaçam destruir tribos inteiras!

Um outro aspecto da questão moral reside no facto de que as relações entre maridos e mulheres reduzem

estas a simples escravas, e, sob o mínimo pretexto elas são açoitadas (por vezes mesmo até mortas) e expulsas do lar. A prática do infanticídio é também coisa corrente entre os pobres pagãos.

Dissemos que o indígena é indolente e preguiçoso. Desta sorte a fome e a miséria lavram consideravelmente entre a maioria das tribos. Os roubos são frequentes. O preto não tem a noção dos direitos de propriedade. A terra é sua e, por consequência, levar o que ela produz, não é roubo. Mesmo ao serviço do branco o preto «acha» as coisas em casa do patrão e leva-as para a sua. E, o que é curioso, é que não será coisa fácil encontrá-lo no acto do roubo ou encontrar este em casa. Ele dá imediato descaminho às coisas que lhe não interessam pessoalmente e esconde as outras.

A terra fornece-lhe, com o trabalho das mulheres, tudo o que necessita para viver na sanzala. Na floresta encontra os materiais para fazer a casa e o cercado de protecção contra as feras ou para encerrar o gado. Quando aceita algum trabalho, a fim de obter dinheiro para comprar uma mulher ou adquirir certos artigos, abandona-o logo que obtém as coisas desejadas.

E é com o fim de remediar todas estas anomalias, melhorar a sorte destas gentes, contribuir para que a civilização leve os seus benefícios a um maior número de povos, lutar contra o poder das trevas, da supersti-



Angola — Quilengues com os seus trajes típicos

ção e do pecado, que o missionário trabalha, sacrificando tudo: bem-estar, saúde, família e muitas vezes a própria vida.

Desta sorte, prezados amigos das missões, o sagrado dever de trabalhar para cumprirmos a abençoada tarefa de ajudar os nossos irmãos de outras raças, se nos impõe, como homens, como cristãos e ainda como portugueses que desejam a prosperidade de Portugal de aquém e de além-mar.

MANUEL LOURINHO

Director-geral das Missões de Angola e Moçambique da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

AO SERVIÇO DO INDÍGENA AFRICANO

Logo depois de ter terminado os meus estudos universitários, cheio do orgulho de jovem médico, gostava das ocasiões em que me perguntavam qual era a minha profissão. Parecia-me belo poder responder: «Sou médico». Considerei sempre a minha profissão como qualquer coisa de nobre. Hoje, o meu maior prazer é dizer que sou médico-missionário. Este título honra-me, amo-o. Honra-me e amo-o, porque Jesus, nosso Mestre, foi o maior Médico-Missionário da História. Quando Ele se dirigia a uma cidade ou aldeia, pregava as Boas Novas, consolava os aflitos e curava os doentes. Admirei sempre em Jesus esta tríplice actividade.

Hoje o meu orgulho de jovem médico desapareceu sob as dificuldades da prática diária, sob o peso da responsabilidade que sobre mim repousa e sob as inevitáveis faltas cometidas. Resta em mim um profundo reconhecimento por ter sido chamado por Deus a seguir as pegadas de Jesus.

Se há povo que necessite de ajuda, é o preto. Esta raça decaída não é uma raça inferior: encontra as suas origens em Deus nosso Pai, da mesma maneira que a raça branca. O pecado, as circunstâncias, sob a forma de guerras, invasões, migrações, clima e situação económica, deixaram esta raça em atraso.



Fraternidade — O filhinho do médico missionário
Dr. E. Moretti com os seus amigos nativos

O branco veio para a África a fim de explorar as riquezas inexploradas deste imenso continente, e não teve tempo, nem talvez vontade, de se ocupar das necessidades morais do povo indígena. Trouxe-lhe o vinho, a aguardente, talvez a tuberculose, e mostrou-lhe, sob o verniz da civilização, uma imoralidade soberana.

Para um preto que aprendeu da nossa civilização a ler e a escrever, a vestir-se convenientemente, a ter uma actividade inteligente e proveitosa, há centenas que aprenderam apenas a beber, a roubar e a prostituir-se.

Temos em África a prova mais manifesta de que a civilização não pode salvar um povo. Do que o preto tem necessidade, da mesma maneira que o branco, é do

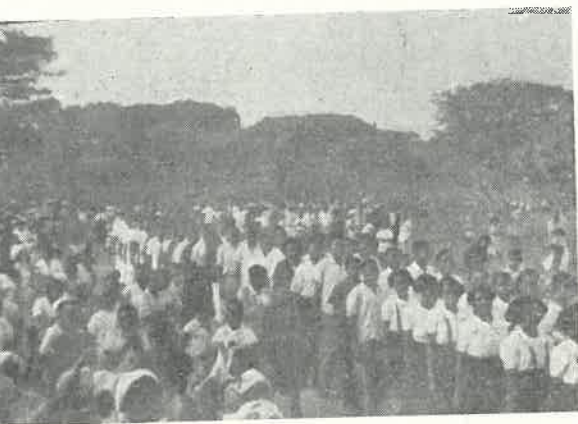


Missão do Lucusse — Isabel e a mãe (Luena)

Foto V. Chaves



Missão do Lucusse (Angola) — Grupo de crentes



Educandas da Missão do Bongo



Na inauguração do novo dormitório feminino da Missão do Bongo

Evangelho de Cristo. E se ao ver a apostasia dos nossos irmãos de cor baptizados, a sua grande dificuldade em abandonar a mentira e o roubo, assim como as suas tradições, alguns pensam que o Cristianismo é inútil ou pelo menos ineficaz para eles, creiam, esses, que não haverá outra força capaz de operar uma transformação nos pretos, da mesma maneira que jamais houve outro poder, fora do Evangelho, capaz de fazer dos homens brancos filhos de Deus.

Quem não viu a diferença entre os pretos convertidos e os pretos pagãos não pode fazer uma ideia do valor da pregação do Evangelho para o povo da África.

O Evangelho agrada aos pretos. Eles devem sentir que os liberta da escravidão da sua crença animista e do império dos maus espíritos que os dominam. Podem fugir perante toda a iniciativa do branco; podem subtrair-se ao trabalho obrigatório; podem ser rebeldes a toda a organização. Mas quando são convidados a ouvir a Palavra de Deus, vêm aos milhares sem ser obrigados.

Que importa se nem todos se convertem? Que im-

porta se nem todos permanecem fiéis? Somos nós, os brancos, tão perfeitos que possamos constituir-nos juizes de um povo dominado por milénios de barbárie?

Enquanto puder, serei médico-missionário. Pregarei a Palavra aos pretos, tratarei as suas doenças.

Sentir-me-ei indisposto perante a sua falta de higiene, exasperar-me-ei perante a sua ignorância, ficarei triste com a sua falta de gratidão. Mas considerar-me-ei sempre largamente recompensado ao ver alguns limpos e bem vestidos dirigirem-se à Igreja, de radiante sorriso, para adorarem o verdadeiro Deus. Rejubilarei sempre ao ouvir os seus coros entusiásticos cantando ao Senhor.

Sentir-me-ei sempre emocionado quando um cego por mim operado de catarata sair do Hospital vendo o seu caminho e a luz do dia.

Constituirá sempre para mim uma alegria inalterável ver uma mulher feliz com o seu bebé que jamais poderia ter nascido sem o meu auxílio. Experimentarei sempre uma profunda satisfação quando tiver podido, por meio de uma operação feliz, restituir à sua vida normal um ser humano que não teria sabido a quem dirigir-se se não houvesse o Hospital Missionário.

Do mesmo modo, todo o sofrimento que tiver podido aliviar, ainda que seja apenas para acompanhar um moribundo no seu último suspiro, será para mim um sinal manifesto do amor de Deus pelas Suas criaturas — desse amor que me deu Jesus como Salvador, e que pôs em meu coração o desejo de fazer pelos outros uma minúscula parte do que Ele fez por mim.



Alunas da Missão do Bongo (Angola)

DR. E. MORETTI

Hospital Adventista do Bongo (Angola)



«Importa que o Evangelho
seja primeiramente pregado entre
todas as gentes.» S. Marc. 13:10.

A acção missionária das nossas províncias ultramarinas, iniciada nos tempos dos descobrimentos, tem o seu maior brilho na província de Angola. Missões de vários credos aqui exercem a sua acção bendita. A nossa denominação está, igualmente, bem representada entre pioneiros e mensageiros das Boas Novas em terras angolanas.

Jingas, Quilengues, Quiocos, Umbundos, Quimbundos, Luenas e Bundas, são povos entre os quais as Missões dos Adventistas do Sétimo Dia, estão empregando o melhor de seus esforços.

A Palavra de Deus, pregada dia após dia nos sertões africanos, tem trazido muitos e muitos dos nossos nativos a uma vida melhor e mais útil. Sim, por este meio, povos de grande atraso espiritual e material, se têm transformado. O mensageiro do Evangelho vem sendo também um poderoso auxiliar das autoridades, tanto para a difusão de noções de higiene, do amor ao trabalho, da consciência cívica dos deveres para com o Estado, como para a assistência médica. Para tal fim, nas nossas missões funcionam hospitais, dispensários e escolas; e, nas catequeses a palavra igreja é sinónimo de escola; quer isto dizer que, se ensina religião ao mesmo tempo e no mesmo lugar em que se ministram os conhecimentos do a b c.

Mercê da actividade missionária, onde outrora apenas havia mato inaproveitável, hoje encontram-se bons campos cultivados, não sendo raros os bons tratos de terreno loirejando com as searas maduras de milho ou trigo, além de outras culturas próprias da região. Multidões existem, que antigamente habitavam no interior em pequenos grupos, constituindo bandos de ociosos e inúteis criaturas; mas que presentemente vivem em aldeias limpas, com casas de adobes bem alinhadas e... caiadinhos, havendo perto uma horta e uma lavra. A feitiçaria e superstição escravizavam esta gente, tudo a apavorava. Tais pobres criaturas não aceitavam nem a doença nem a morte como coisas naturais. Hoje, para elas tudo se transformou, como da noite para o dia!

O Evangelho vem tornando os nativos mais sociáveis, criando-lhes uma nova mentalidade e a consciência de serem um alto valor no conceito do Criador.

As autoridades são unânimes em atestar a boa influência das missões, nomeadamente a das Missões Adventistas do Sétimo Dias. Graças aos bons hábitos de higiene adquiridos, é frequente nas aldeias ver-se uma mãe a dar banho ao seu bebé, coisa nunca vista antigamente. E com que orgulho as mães nativas se deixam fotografar com os seus filhinhos!

Como pálida ilustração da transformação experi-

mentada pelo nativo em virtude da acção missionária, vou contar-vos o caso de um caçador luena:

Este homem possuía na sua aldeia, em frente da cubata, uma espécie de altar construído de ossos e chifres de animais diversos, em honra dos «espíritos» protectores dos caçadores. Possuía também várias mulheres como esposas. Bebia embriagando-se frequentemente e era mestre nas ruidosas danças dos batuques e de outras festas gentílicas. Por vezes, era chamado à presença do Chefe de Posto por causa dos seus desacatos e distúrbios, sob a acção de bebidas fortes.

Certa ocasião, porém, os nossos missionários gastaram umas semanas vivendo na aldeia deste homem para pregarem e anunciarem uma reforma de vida, nas normas da Mensagem Adventista ou seja do Evangelho de Cristo Jesus. O resultado foi maravilhoso. Para surpresa nossa, o caçador na manhã do último dia que ali passaram os missionários, espontaneamente derrubou todo o altar de ossos e chifres que erigira aos seus deuses da caça e com eles, naquela noite se fez, depois, uma grande fogueira. O nosso homem apresentou-se, então, como candidato ao Baptismo e prometeu levar dali avante uma vida de trabalho, de disciplina e de temor ao Deus verdadeiro que protege não somente os caçadores, mas todos os viventes...

VITORINO CHAVES

Director da Missão do Lucusse



Cascata do Rio Luena (Moxico — Angola)

Foto V. Chaves

ACTIVIDADES DA MISSÃO DE CABO VERDE

Podemos dividir o ministério do Senhor Jesus em três grandes ramos: pregar, educar e curar. A Igreja Adventista, querendo continuar a grande obra de auxílio à humanidade, iniciada pelo Senhor, alia à pregação do Evangelho do Reino aqueles dois ramos de actividade.

Em Cabo Verde, devido à sua dispersão em ilhas, a Obra Médica seria dispendiosa e para além dos recursos financeiros de que dispomos; por isso optámos pela educação, especialmente da juventude.

Datam de 1937 as primeiras experiências com uma Escola na Ilha Brava, dirigida pela Professora D. Maria



Praia (Cabo Verde) — A missionária D. Rita Esperancinha com um grupo de alunos

José da Rosa, que a ela tem dedicado o seu melhor esforço nestes dez anos de actividade, compensado por dezenas de alunos que passaram de classes e fizeram os seus exames oficiais, que lhe grangearam simpatia, tanto do público como das autoridades. Em 1950 fez-se outra tentativa na Praia, vindo para esta Missão o Professor-missionário Joaquim A. Morgado, mas foi só em 1954 que vimos coroados de êxito os nossos

objectivos, com a aprovação oficial das Escolas de Praia, S. Vicente e Brava e presentemente a do Fogo.

Temos actualmente nas 4 Escolas mencionadas, 151 alunos, assim distribuídos: Brava, 38; Fogo, 49; Praia, 28; S. Vicente, 36.

Este número não seria importante se não fosse disperso, mas assim dividido por diversas Ilhas, exige



Velho Iuena

Foto V. Chaves

mais salas de aulas, mais material didáctico e mais professores.

Não faltam nalgumas Ilhas Professores das Escolas Oficiais, competentes e capazes de fazer prodígios no ramo da Instrução, mas a obra das Missões visa também

Curso Bíblico por Correspondência

Absolutamente gratuito, em trinta lições. É seguido em Portugal e Províncias Ultramarinas por milhares de pessoas. Além de iniciar no estudo da Sagrada Escritura levanta numerosos problemas da mais palpitante actualidade, que interessa, grandemente, solucionar.

Inscreve-se, também, V. Ex.^a e creia que ben-
dirá a sua resolução.

Basta dirigir um postal com o seu nome e morada à

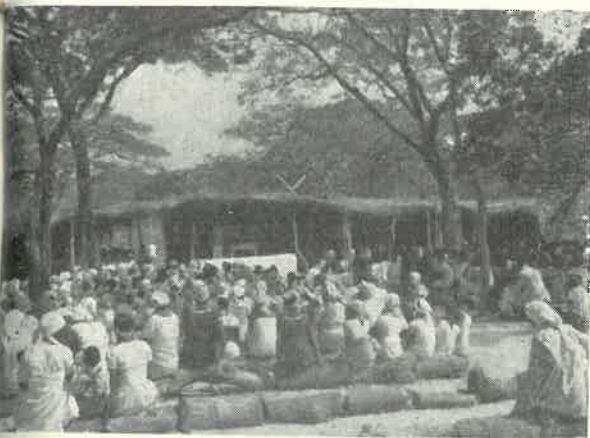
ESCOLA RÁDIO-POSTAL

Apartado 20/30

Lisboa-N

a formação moral e religiosa dos alunos e não são poucos os que continuam na Igreja. Os resultados quanto a aproveitamento nos exames, são compensadores e convidam a prosseguir.

O ramo da Educação tem de ser completado com a actividade da Igreja, que, pela conversão, modifica também os ideais das crianças, tornando-as obedientes, correctas e prestáveis. É também de notar o aperfeiçoamento da língua pátria, entre os elementos que



Por ocasião de um Congresso na Missão do Bongo



Órfãos ao cuidado do Hospital do Bongo

quais vivendo nas mais baixas práticas de fetichismo, tem a Mensagem de Salvação de ser pregada.

É grande a tarefa que está diante de nós e todos os recursos de que dispomos são insuficientes para a levar a bom termo.

Prezados leitores, daqui vos agradecemos a vossa simpatia, na certeza de que, como dizia o Senhor, «Tudo o que fizerdes a um destes meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes.»

FRANCISCO CORDAS

Director da Missão de Cabo Verde

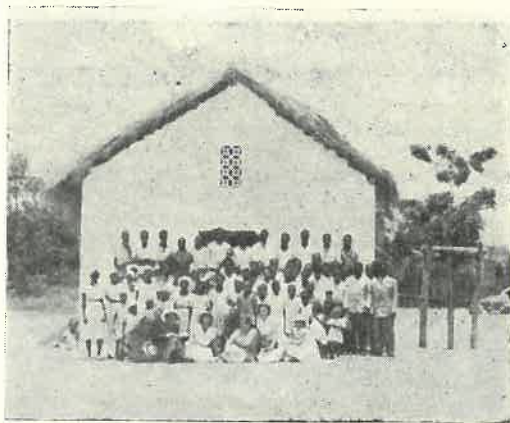
compõem as Igrejas, especialmente nos meios mais rurais.

Mas esta Missão foi acrescida com mais o extenso território da Guiné, com mais de meio milhão de habitantes, com as crenças e costumes mais diversos, sendo um tremendo desafio à pregação do Evangelho de Jesus e sua influência civilizadora.

O Cristianismo existe ainda numa pequena minoria, mas a todos aqueles milhares de pessoas, muitos dos



Hospital Adventista do Bongo (Angola)



Alunos nativos, junto de Benguela

Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura..»

(S. Marcos 16:15)



J E S U S C R I S T O

Na véspera da crucificação, quando uma profunda tristeza oprimia o coração dos discípulos informados dos acontecimentos que se iam dar, e da próxima partida do Mestre, Jesus consola-os assim:

«Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede também em Mim. Na casa do Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver, estejais vós também.» (João 14:1-3).

Aquilo que os discípulos mais temiam, não se realizará. Jesus não abandonará os Seus discípulos. Preparar-lhes-á um lugar e virá buscá-los.

A separação será, contudo, dolorosa e eles terão necessidade de conforto para a suportar. Enquanto olham para o Céu, para onde Jesus acaba de ser levado, duas pessoas vestidas de branco aparecem-lhes e dizem: «Varões galileus, por que estais olhando para o Céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, *há-de vir*, assim como para o Céu o vistes ir.» (Actos 1:11).

A ideia da volta de Jesus vai, agora, animar os discípulos, no seu difícil ministério, inspirando-lhes arrojio e coragem.

Durante três anos e meio, estivera a sua existência ligada à de Jesus, e só o pensamento de uma possível separação, os enchia de amarga tristeza. Ora Lucas informa-nos que, depois da ascensão, «eles regressaram a Jerusalém com grande júbilo». (Luc. 24:52). A mensagem dos dois anjos, confirmando a de Jesus, acabava de operar o milagre de dissipar aquela tristeza. A perspectiva de tornar a ver o Mestre bem-amado, enchia-os de alegria. Passando do seu coração para o de todos os cristãos da Igreja apostólica, esta mesma perspectiva estava destinada a tornar-se o principal pilar da sua fé, estimulando-os na sua grande esperança, ao amor fra-

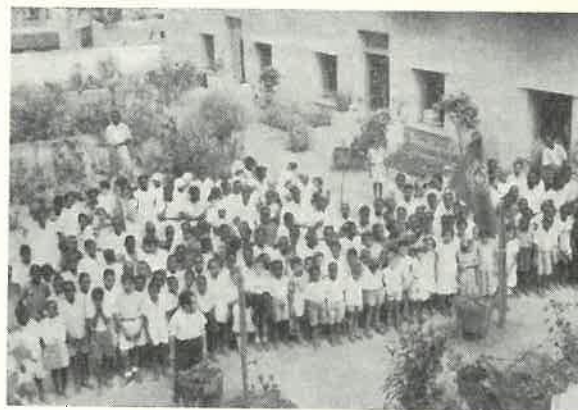
ternal, à oração, à actividade missionária. «Maranatha», isto é, «O Senhor vem», será a sua saudação favorita. (1 Coríntios 16:22). Os verdadeiros crentes de todos os séculos virão beber a sua fé e a sua esperança nesta fonte inexaurível. Os piores tormentos não conseguirão afastá-los deste objectivo, parte essencial do seu credo. E hoje, ainda, a perspectiva da volta do Senhor deve encher de alegria todos os cristãos e fazer deles testemunhas entusiastas de Jesus Cristo.

QUANDO VOLTARÁ?

Pergunta bem legítima, mas para a qual não há resposta precisa. Ninguém sabe a data exacta da volta de Jesus Cristo. Não só nenhum passo da Bíblia permite



Missão da Luz (Angola) — Residência do missionário

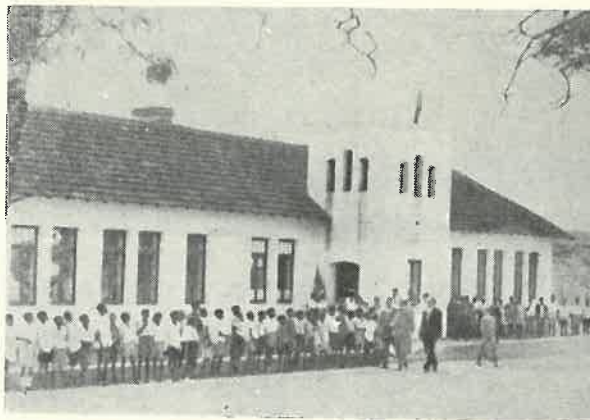


Na inauguração do novo dormitório feminino da Missão do Bongo

esperando com vigilância a volta de Jesus sem que esta se tivesse, então, realizado; e hoje, na própria época em que esta volta parece iminente, há tão poucos que a desejem e que, verdadeiramente, a esperam!

O Cardeal Newman, escreveu algures: «Se é verdade que os cristãos esperaram Jesus, sem que Ele voltasse, também é verdade que, quando Ele, realmente, vier, o Mundo não o esperará. Se é verdade que os cristãos fantasiaram os sinais da Sua vinda, quando não havia tais sinais, também é igualmente verdade que o Mundo não verá os sinais da Sua vinda, quando eles se apresentarem».

Não podemos fixar a data da volta de Jesus, mas podemos saber se Ele está perto ou não. Não fomos deixados na ignorância, nesta questão. A Sagrada Escritura prediz toda uma série de sinais, verdadeiros «sinais dos tempos» destinados, como marcos na estrada dos séculos, a explicar os acontecimentos, e a permitir aos crentes atentos e vigilantes o poderem discernir o significado da sua época na história do Mundo. Não



Instituto Adventista do Bongo — Por ocasião da visita de S. Ex.^a o Governador do Distrito do Huambo

VOLTARÁ EM BREVE

fixar tal data, mas nem o próprio Jesus entendeu que deveria revelá-la aos Seus discípulos. «Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas unicamente Meu Pai.» (Mateus 24:36). Antes de subir ao Céu acrescentará: «Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder.» (Actos 1:7).

Muitos cristãos da Igreja primitiva, interpretando falsamente certas declarações de Jesus Cristo e, nomeadamente, as afirmações de S. Paulo na sua primeira epístola aos Tessalonicenses (4:13 a 5:8), esperaram a volta do Senhor ainda na sua geração, deixando-se «perturbar, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, que diziam vir de nós (os Apóstolos), como se o dia de Cristo estivesse já perto» (2 Tess. 2:2). «Ninguém — continua o Apóstolo — de maneira alguma vos engane; porque não será assim, sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição.» (2 Tess. 2:3). Uma série de acontecimentos de grande importância e de longa duração devia ainda produzir-se.

Uma reacção devia registar-se no correr dos tempos. Bem depressa, a bem-aventurada e por vezes exaltada esperança da volta de Jesus Cristo cedeu o lugar, na própria Igreja, a uma certa indiferença, que irá aumentando até ao fim, tal como o anuncia S. Pedro: «... Nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.» (2 Ped. 3:3-4).

Também o próprio Jesus anunciou que «o amor de muitos esfriará». (S. Mateus 24:12). A Sua parábola das dez virgens, das quais cinco são loucas, indica que o Mundo será surpreendido por não ter sabido discernir os sinais dos tempos.

Podemos, talvez, invejar os cristãos de outrora,

é, pois, permitida a indiferença. Basta o facto de Jesus ter prometido tais sinais, para nos interessarmos por este problema. «Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas». (Amós 3:7). Ora, todas as cadeias proféticas — incluindo a maior, a dos 2.300 dias-anos, cujo termo expirou em 1844 — atingiram o fim. Eis que há um século já estamos nos «Últimos Tempos» ou «Tempos do Fim». A nossa época vê realizar, um após outro, nos domínios cósmico, político, industrial, social, moral e religioso — os sinais anunciados pela Bíblia.

Depois de haver anunciado os sinais precursores da Sua volta, Jesus acrescentou: «Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima. E disse-lhe uma parábola: Olhai para a figueira e para todas as árvores; quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o Verão.

«Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto.» (S. Lucas 21:28-31. Veja-se S. Mateus 24:32-33).

Tudo nos indica que o fim do Mundo está próximo e que Jesus voltará em breve. Estamos, verdadeiramente, nos últimos tempos. Há mais de cinquenta anos que o teólogo Delitzsch escreveu: «O tempo actual, por traços cada vez mais nítidos, adquire as características dos últimos dias... Não devemos para nossa eterna infelicidade, desprezar estes sinais dos tempos».

«Perto está o Senhor.» (Filipenses 4:5). «Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir, virá, e não tardará.» (Hebreus 10:37). «Certamente cedo venho.» (Apocalipse 22:20).

ESTEJAMOS PREPARADOS!...

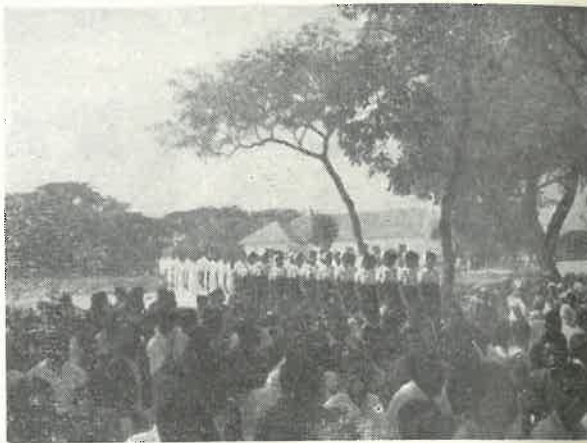
O Senhor está próximo: eis a grande verdade que deve dominar a nossa época e fazer palpar o coração dos crentes! Têm estes o dever de esperar a volta do



Hospital do Bongo — Grupo de leprosos que vieram receber tratamento

Mestre na vigilância e na paciência, na caridade e actividade, na santidade e na piedade, tendo, como as virgens prudentes, o azeite nas suas lâmpadas, ou distribuindo como o servo fiel e prudente, os víveres no seu devido tempo. (Veja: S. Tiago 5:7,8; 1 S. Pedro 4:7; 1 S. João 3:3; 1 Tessal. 1:9,10; S. Mateus 24:36-51; 25:1-13; S. Lucas 21:34-56; Apoc. 2:25; 3:3,11).

Tal expectativa não é uma contemplação ociosa, mas uma actividade transbordante, uma contribuição entusiástica para o estabelecimento do reino de Jesus:



Educandos da Missão do Bongo (Angola)

«... que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus...» (2 S. Pedro 3:11,12).

«E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.» (1 Tessal. 5:23).

«Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo. É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o Senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai.» (S. Marcos 13:32-37).

«Por isso estai vós apercebidos também, porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis.» (S. Mateus 24:44).

«... permaneçei n'Ele, para que quando Ele se manifestar, tenhamos confiança, e não sejamos confundidos por Ele, na Sua vinda.» (1 S. João 2:28).

CARLOS GERBER

Quem crer e for baptizado será salvo.

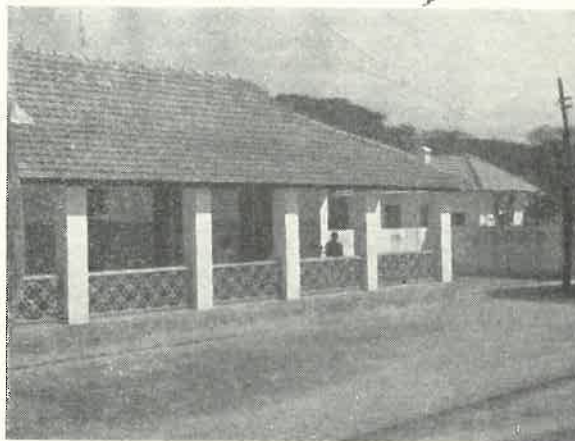
(S. Marcos 16:16)

O Poder do Evangelho

Ao caminharmos através do mato de Angola, em contacto com as populações gentias, eu creio que muitos perguntarão, se realmente há um poder que consiga transformar aqueles homens e mulheres, entregues à feitiçaria, às suas festas, às suas crendices, em Cristãos sinceros, em seguidores de Cristo.

É necessário no entanto vê-los, antes e depois, para realmente podermos constatar essa grande mudança.

Durante as campanhas evangelísticas, no mato, em que se fazem visitas às casas ensinando o Evangelho e reuniões nocturnas de pregação, procura-se levar às pessoas, «a cada tribo, a cada língua» a boa nova da Mensagem de Cristo. Uma das coisas sobre que se insiste, é o abandono da feitiçaria, um dos grandes problemas que constituem base do nosso combate. É mais fácil aceitar a Deus, e tudo o que nós dizemos do que abandonar os feitiços. Um dos feitiços mais vulgares, é uma panela com raízes de árvores onde eles deitam água, e se lavam todos os dias de manhã, ainda o sol não tem aparecido, para se protegerem contra os espíritos. Um pastor que me acompanhou numa dessas campanhas, disse-me que era rara a casa, na aldeia, que não tivesse aquela panela, aquele feitiço. Nasceram e viveram vendo os seus pais seguindo aqueles princípios e eles automaticamente os seguem. Mas o poder de Cristo começa a influenciar os seus corações e então cada um começa a entregar os feitiços que constituíam uma muralha entre eles e Deus. Fazem os mais variados objectos, os chifres de cabra com um pó especial que é aquecido e de que aspiram o fumo, as panelas de todos os tamanhos, os colares dos mais variados e com as mais esquisitas aplicações, desde os próprios para tornarem as mulheres mães, à mais vulgar protecção com os espíritos. A pouco e pouco começa a reunir-se no acampamento um monte com esses despojos. Lembro-me de uma velhota, já com muitos anos,



Hospital Adventista do Bongo (Angola)

que eles nunca sabem quantos, trazer a sua pequena panela, e o seu cachimbo. Era, dizia ela, tudo o que tinha em casa e que a podia afastar de Deus. Nessa noite ela tornou a ouvir falar de Jesus, do seu poder e do seu amor por cada um. Na manhã seguinte, lá a vimos ao longe, caminhando arrimada ao seu pau. A sua mão, segurava qualquer coisa, que vinha escondida debaixo do pano. Contou então que ontem tinha ficado ainda na sua casa alguma coisa (Olobamba), um cordão entrançado que usam em volta da cintura, e que protege o corpo contra as doenças. Agora, dizia ela, nada tinha contra Deus (Suco). Estas são realmente as vitórias ganhas por Cristo contra Satanás.



Aspecto da Igreja da Missão do Bongo (Angola)



Benguela — Igreja Adventista para Europeus

Quando o nativo se torna cristão, a sua vida começa a pouco e pouco a transformar-se. Desde a sua casa, ao seu vestuário, à sua alimentação mesmo começam a tornar-se um elemento de diferença com o gentio. Lembro-me de certa manhã de sábado, quando estávamos numa aldeia para o sul do Cunene, se tinham reunido os nativos para fazermos o culto regular. Estavam já todos reunidos. Embrulhados nos seus velhos panos, sujos, as crianças nuas, cheias de sujidade e doenças, constituíam uma assembleia que metia dó. Nisto, de um ponto do mato, começo a ver surgir um grupo de nativos muito diferente. Elas com os seus vestidos limpos, as suas crianças asseadas e eles vestindo decentemente, calçados, com os livros debaixo do braço. Que diferença. Eles aproximavam-se cada vez mais e pudemos ver com mais certeza aquilo que nos estava parecendo. Estes eram crentes de uma aldeia próxima, que viviam isolados dos outros crentes mas que mantinham um nível de vida diferente, melhor. Vi-os depois afastarem-se pelo meio dos gentios, e cantarem com eles os belos hinos, ou segurar numa criança quando a mãe tinha várias ao colo, ajudando-as a estarem melhor.



Escola para nativos, junto a Benguela

dele. Chegou à aldeia que lhe indicaram, e procurou pelo seu filho Miganjo. Chegou perto de uma casa, maior, mais limpa, e disse bem alto: Onde está o meu filho Miganjo? Procurou ver naqueles rapazes com os seus panos sujos, os seus cachimbos ao canto da boca aquela criança que ela havia deixado muitos anos atrás. Nisto, ela vê surgir de dentro de casa, um jovem, bem vestido, calçado, limpo, que se lhe dirige: — Não sou mais Miganjo, mãe, agora sou Jeremias! Ela reconheceu a mesma voz e ambos se encheram de alegria. Ele contou como se dera aquela transformação, e a mãe mais tarde se tornou também cristã. Milhares esperam a mesma oportunidade. Quem lha dará?

JOAQUIM A. MORGADO



Missão da Luz (Vila Luso — Angola) — Escola Primária

Um dos nossos pastores, hoje pai já de outros catequistas, vivia quando rapaz pequeno na Missão da Luz. Ali ele assistiu à chegada dos primeiros missionários e da abertura da primeira escola. Ele foi dos primeiros a aparecer. Era neto de um soba, que o estava ensinando em tudo o que dizia respeito aos ritos de adoração dos demónios, a tocar o batuque enquanto os bailarinos dançavam em volta, horas e horas seguidas. A chegada daqueles brancos modificou o futuro de Miganjo, assim se chamava aquele jovem. Continuando a estudar, ele se tornou mais tarde um catequista, para quem o seu passado gentio o ajudava a levar com mais ardor a luz do Evangelho aos povos da sua terra. Sua mãe que com o resto da família havia ido bastante longe trabalhar, um dia teve saudades do seu pequeno e voltou. Caminhou durante muitos dias sujeita a muitos perigos. Quando chegou e lhe disseram que Miganjo não estava ali, ela fez grande barulho com o missionário por ter mandado o seu filho embora. Mas ela correu atrás

SEDES DO MOVIMENTO ADVENTISTA NA METRÓPOLE E NO ULTRAMAR

Todas as pessoas interessadas em conhecer o Evangelho, a vontade de Deus, os verdadeiros caminhos da salvação, poderão dirigir-se a qualquer das moradas que se seguem.

Desde que o peçam, receberão literatura, que lhes proporcionará grande regozijo espiritual.

Eis as moradas referidas, sedes do Movimento Adventista:

Continente — Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa.

Madeira — Rua da Conceição, 128 — Funchal.

Açores — Apartado 65 — Ponta Delgada

Cabo Verde — Apartado 6 — Praia

S. Tomé — Caixa Postal 349 — S. Tomé

Angola — Caixa Postal, 3 — Nova Lisboa.

Moçambique — Mungulúni, Mocuba, Quelimane.

MISSÃO ADVENTISTA DE S. TOMÉ

As ilhas de S. Tomé e Príncipe, situadas no Golfo da Guiné, com uma população de 61.000 habitantes, constituem o nosso campo missionário desde 1947.

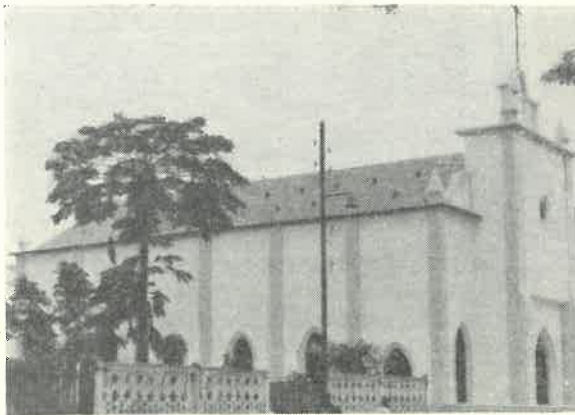
Estas duas ilhas formam uma província ultramarina tendo por capital a cidade de S. Tomé na ilha do mesmo nome. S. Tomé e Príncipe são duas ricas pérolas no meio do Oceano. A vegetação em ambas é luxuriante. A cidade de S. Tomé é hoje uma moderna, higiénica e linda cidade. O Governo da Nação está empenhado na realização de grandes obras que dia a dia vão transformando o aspecto da cidade e melhorando as condições da saúde dos seus habitantes.

A cidade possui amplas avenidas, lindos jardins, belos edifícios públicos e particulares. O seu aeroporto está apto não só a servir os aviões das nossas carreiras, mas também os das maiores carreiras mundiais.

A sede da nossa Missão está situada no centro da cidade, ocupando uma área de aproximadamente 3.000 metros quadrados.

A Missão compreende a residência dos missionários em cujo rés-do-chão estamos realizando os serviços religiosos, um edifício para escola com três modernas e amplas salas de aula, e a capela em construção, que esperamos, com o auxílio de Deus, concluir ainda este ano.

Pela nossa escola têm passado muitos milhares de



Missão de S. Tomé — Edifício da Igreja Adventista



S. Tomé — Edifício da Igreja Adventista

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Missão de S. Tomé — Na visita de Sua Excelência
o Presidente da República

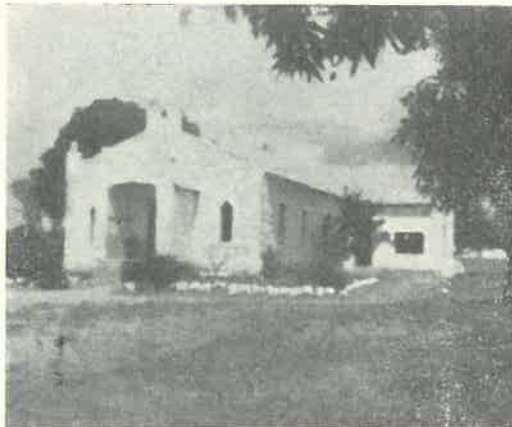
alunos e algumas centenas têm terminado os seus estudos com aprovação nos exames oficiais. A par do ensino do programa oficial, ensinamos aos alunos a pura religião de Cristo, procurando cultivar no coração das crianças, maior amor a Deus e à Pátria, tornando-os assim bons cristãos e cidadãos úteis.



S. Tomé — Escola Primária da Missão Adventista

Além do trabalho na sede temos postos missionários em mais cinco pontos da ilha e também no Príncipe.

Até ao momento presente alguma coisa temos feito em favor do bom povo destas ilhas, mas ainda muito resta a fazer antes que todos conheçam a bela mensagem de Jesus Cristo.



Missão da Luz (Angola) — Edifício da Igreja

Apelo para todos os generosos leitores desta Revista Missionária para que dêem todo o seu apoio às Missões Adventistas do Ultramar Português.

E. P. MIRANDA

Director da Missão de S. Tomé

MÉDICOS ADVENTISTAS descobrem a cura de uma doença

Na revista americana *Time*, de 4 de Julho de 1955, pode ler-se uma notícia que certamente interessará os nossos leitores: Os médicos do Hospital Adventista de Mato Grosso, Brasil, descobriram a cura para uma das mais repelentes doenças do mundo, conhecida pelo nome vulgar de Fogo Selvagem (têcnicamente, *Pemphigus foliaceus*).

Esta doença, que faz empalar e escamar a pele, provoca uma comichão intolerável. Mais repugnante do que a lepra, devido ao nauseabundo cheiro que provoca, o Fogo Selvagem reduz as suas vítimas à inacção, e acaba por as matar.



O Dr. E. B. Rodrigues com vítimas do «Fogo Selvagem»
(Mato Grosso — Brasil)

Em 1948, a esposa de um pastor adventista contraiu essa doença. Depois de desenganada pelos médicos da sua cidade, dirigiram-se ao Mato Grosso, onde o pastor obteve uma fórmula, com a qual a doença se curou rapidamente.

Nos 400 casos tratados até à data no Hospital de Mato Grosso, sob a direcção do médico adventista, Dr. Edgar Bentes Rodrigues, 65 % dos pacientes obtiveram cura completa e 29,5 % cura parcial.

As opiniões no Brasil dividem-se quanto à eficácia absoluta do dito medicamento, mas tanto seus amigos como inimigos estão de acordo, diz a citada revista, «em elogiar os corajosos e trabalhadores missionários adventistas e o imenso bem que eles têm feito.»

MUNGULÚNI

— Não, já estamos perto.

E, de facto, estávamos. A seguir a uma curva apertada, semi-oculta pela densa copa de mangueiras que marginam a estrada, surgiu, inesperadamente, uma tabuleta branca cujos dizeres conseguimos ler, enquanto o camião manobrava para entrar no desvio indicado pela seta: «Missão de Mungulúni — 6 Kms».

Viajámos 80 Kms na estrada de Mocuba a Namarrói, no distrito da Zambézia, província de Moçam-

gas, as portas — os edifícios inteiros! como numa demonstração simples da esfericidade da terra. Estávamos em Mungulúni!

Em breve ficávamos rodeados de uma multidão de rapazes, homens e mulheres que nos cumprimentavam de variados modos: continências, acenos, palmas e sorrisos. Estes dois que se apresentam agora são os pastores nativos Artur e Horácio, homens experientes na evangelização, com uma larga folha de bons serviços para Deus e para os homens. Aqueles ali são os catequistas Jorge e Guilherme, que leccionam na Missão. Mas é impossível reter por agora o nome de todos quantos vimos e nos deixam boa impressão.

A Missão está «edificada sobre um monte» donde se avista larga e formosa paisagem. Vemos a igreja, a escola, a carpintaria, o dispensário, a casa do pastor, as casas dos missionários e o escritório.

Olhamos em redor e vemos ao longe a silhueta azulada da serra Labone, servindo de fundo aos edifícios da Missão, e o pontilhado escuro das palhotas dispersas pela vastidão da baixa verdejante. E somos levados a dar graças a Deus, reconhecidamente, pela escolha do lugar, pelo esforço dos que nos antecederam, pela generosidade dos nossos membros em todo o Mundo, pela dedicação dos crentes e dos obreiros nativos que nos rodeiam, pela liberdade religiosa que as simpáticas autoridades portuguesas nos concedem, por tudo, enfim, que tornou possível o estabelecimento desta Missão.

Falámos de Mungulúni, mas não ainda das suas necessidades que são grandes, assim como as do restante campo de Moçambique, no que respeita a centros de evangelização, escolas, dispensários e um hospital, pelo menos. O espaço é reduzido demais para falarmos detalhadamente de cada um destes objectivos; mas a compreensão dos nossos crentes é grande e a sua generosidade sempre correspondente. É, pois, com confiança que aguardamos e agradecemos o auxílio que puderdes dispensar a Moçambique.

A. C. LOPES

bique, a caminho do nosso novo campo de trabalho, vindos do inesquecível campo missionário de Angola; e, enquanto o camião transpunha os escassos quilómetros que agora nos separavam de Mungulúni, pusemo-nos a relembrar o que sabíamos a respeito desta Missão.

Fundada em 1933, a missão não tem cessado de disseminar a preciosa semente do Evangelho, durante os seus 22 anos de existência. Os quinhentos e trinta e quatro membros baptizados, que foram arrancados à vida degradante do paganismo, atestam que o Evangelho é ainda o poder de Deus para salvação daquele que crê. E as onze catequistas dirigidas por outros tantos catequistas, com os seus 2.245 membros da Escola Sabatina, são a garantia de uma intensa e permanente campanha de evangelização, que a seu tempo dará os seus frutos.

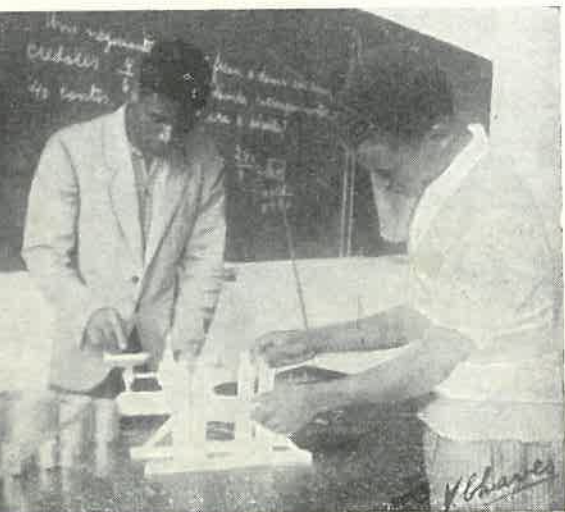
Já transpusemos os limites da Missão, cuja área abrange 100 hectares. Faltava-nos agora vencer a última subida que conduz a um espaçoso terreiro, em volta do qual se erguem os edifícios da missão; mas já divisamos os cumes dos telhados, os beirais, as ver-



Missão de Mungulúni — Escola de Mirviúia

O BOM

SAMARITANO



Trabalhos práticos no Instituto do Bongo

E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?

E, respondendo, ele disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo, como a ti mesmo.

E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás.

Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus:

E quem é o meu próximo?

E, respondendo Jesus, disse:

Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou ao largo. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e vendo-o, passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao

pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão, e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhe azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele. E partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que demais gastares eu to pagarei, quando voltar.

Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

E ele disse: o que usou de misericórdia para com ele.

Disse, pois, Jesus: Vai, e faz da mesma maneira! (S. Lucas 10:25-37).

Todos os domingos, das 22,15 às 22,45 horas, é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio África Maghreb, de Tânger, na banda dos 321 m.

Ouçã e recomende aos seus amigos.



Lembraí-vos de nós!

«Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa.»

S. João IV, 35.



«Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como pois invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão n'Aquele de quem não ouvirem? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!»

Romanos X, 13-15.

